

A INSERÇÃO DO AUTISTA NA ESCOLA REGULAR

André Canela Brito Nobre¹

Rafael Correia de Oliveira²

Valéria Silva Magalhães de Matos³

RESUMO:

Este trabalho tem como objetivo apresentar uma visão sobre a inserção do autista na escola regular, suas causas e diagnósticos. A pesquisa foi desenvolvida em uma escola da rede pública de ensino de Montes Claros, Minas Gerais, com o intuito de conhecer mais sobre o autismo e procurar metodologias através de pesquisas bibliográficas, para ajudar os professores da escola regular como trabalhar inclusão com crianças autistas, sabendo que existem muitas coisas que podem ser feitas pelo autista, a principal é acreditar que ele tem potencial para aprender, é preciso saber que ele enxerga o mundo de forma diferente, mas vive no nosso próprio mundo, e cabe a nós não deixá-lo ficar fora da escola e do convívio social privado do convívio social.

Palavras Chave: Autismo, inclusão escolar, aprendizagem.

INTRODUÇÃO

Aborda-se neste artigo informações sobre a inserção do autista na escola regular, suas causas e diagnósticos. No convívio escolar é importante saber como os indivíduos autistas se comunicam com os outros, qual a linguagem desenvolvida por eles e como é a sua forma de aprendizagem. Defende-se neste artigo a maneira de fornecer ao autista uma educação favorável, pois a escola recebe essas crianças e não sabem identificar as características delas, além de que os profissionais da educação devem estar preparados para lidar com essas crianças. Deve-se entender o processo de desenvolvimento e aprendizagem desses alunos, buscando estratégias para a alfabetização dessas crianças.

A inclusão escolar tem como objetivo inserir, sem distinção, todas as crianças e adolescentes com variados graus de comprometimento social e cognitivo em

¹ Mestrando em Ciências da Educação pela Facultad Interamericana de Ciencias Sociales – FICS.

² Mestrando em Ciências da Educação pela Facultad Interamericana de Ciencias Sociales – FICS.

³ Doutoranda em Ciências da Educação pela Facultad Interamericana de Ciencias Sociales – FICS.

ambientes escolares tradicionais, com intuito de diminuir o preconceito e estimular a socialização das pessoas com desenvolvimento atípico para que desfrutem dos espaços e ambientes comunitários.

A metodologia usada será um questionário com 10 questões apresentadas aos professores de Apoio de uma escola pública de Montes Claros-Minas Gerais. A pesquisa desenvolvida nesta escola com o intuito conhecer mais sobre o autismo e procurar metodologias através de pesquisas bibliográficas, para ajudar os professores da escola regular como trabalhar inclusão com crianças autistas, pesquisamos como os professores se relacionavam com elas, como era o seu comportamento e procuramos orientar a escola a conhecer as características da criança e prover as acomodações físicas e curriculares necessárias e proporcionar atividades apropriadas para eles.

1-Histórico do Autismo

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) teve sua descoberta há pouco tempo na história das psicopatologias do desenvolvimento. Inicialmente foi considerado pelo psicanalista Bruno Bettelheim, como uma doença relacional, com o foco do problema na relação diática, mãe bebê, originando a expressão “mãe geladeira”, e sua causa associada a fatores ambientais. Porém, na atualidade, considera-se o autismo como de ordem multifatorial, com etiologias variadas e de origem neurológica (MOREIRA, 2005).

Cunha (2012), aponta que Kanner apropria-se do termo autismo pelo psiquiatra suíço Bleuler, empregado pela primeira vez em 1911, cuja finalidade era descrever a fuga da realidade e o retraimento interior dos pacientes acometidos de esquizofrenia.

Para Cunha (2012,), “o termo ‘autismo’ deriva do grego ‘autos’, que significa ‘por si mesmo’ e, ‘ismo’, condição, tendência”. As crianças observadas pelo psiquiatra austríaco apresentavam as características de isolamento, igualmente demonstrada pelos esquizofrênicos, dando a impressão de que eles estavam presos em si mesmos. Porém, o diferencial era que no autismo esta condição já estava presente desde tenra idade.

Embora, Kanner, em seus artigos, não afirmasse a posição psicodinâmica como sendo a origem do autismo, levantou esta possibilidade, pois, as crianças observadas não possuíam a capacidade inata para estabelecer contato afetivo e

biologicamente previsto no desenvolvimento, sem estimulação, devido a esta condição, ressaltou a possibilidade delas não serem receptivas às personalidades dos pais, gerando a hipótese da etiologia deste transtorno ser de natureza psicodinâmica (BRASIL, 2013).

Silva (2012), salienta esta nova perspectiva sobre o autismo como sendo fatores originadores e de desenvolvimento, respaldados nas neurociências, o estudo tem demonstrado:

Que indivíduos com autismo aparentam ter dificuldades na área cognitiva de funções executivas. Essas funções são um conjunto de processos neurológicos que permitem que a pessoa planeje coisas, inicie uma tarefa, controle-se para continuar na tarefa, tenha atenção e, finalmente, resolva o problema. (p. 41).

Atualmente o DSM-V, adota o termo Transtorno do Espectro Autista (TEA), para se referir a este distúrbio do desenvolvimento, extinguindo o Transtorno Global do Desenvolvimento (TGD). E passa a incorporar a síndrome de Asperger ao Espectro Autista. Outros transtornos do desenvolvimento que compunham o TGD, como a Síndrome de Rett, o Transtorno Global do Desenvolvimento não especificado e o transtorno degenerativo da infância, não fazem parte da categoria que corresponde ao grupo autista.

Para Gomes (2007) os problemas de comunicação englobam atraso no desenvolvimento da fala e da linguagem, tais como: repetir palavras e frases (ecolalia); inverter os pronomes; dar respostas deslocadas do contexto da pergunta; não responder quando lhe é mostrado algo; não utilizar gesto ou utilizar muito pouco; apresentar fala monótona ou cantada (uso da prosódia); não compreender as nuances da língua como o sarcasmo ou provérbios. A linguagem escrita, falada e a não verbal, são constituídas por sinais que emitimos o tempo todo, pela fala, pelos gestos, pelas expressões corporais e faciais. As pessoas com autismo não possuem a capacidade de avaliar estas formas de comunicação. Por se tratar de um transtorno, os indivíduos com espectro autista, podem manifestar outros sintomas, como: Hiper e hipo atividade; Condutas impulsivas; Prestar pouca atenção; Agressividade; Autolesão; Birras; Apresentar hábitos estranhos ao comer ou dormir; Apresentar medo demasiado ou ausência de medo.

Estes sintomas podem ser apresentados mediante uma situação de estresse ou que cause desconforto. A resposta do autista a essas situações nem sempre é

exagerada, muito pelo contrário, ele pode manifestar uma resposta nula ou excessiva, frente a novas situações em sua rotina ou a estímulos sensoriais que lhe gerem incomodo. O diagnóstico é realizado baseando-se na tríade autista, ou seja, contempla as áreas da interação social, comunicação e comportamentos restritos.

Os familiares de indivíduos autistas são de grande importância para promover o desenvolvimento da comunicação, da interação social e do afeto, pois é o núcleo familiar que pode, juntamente com os profissionais capacitados, estimular e interagir de maneira adequada, tanto em casa como na escola, para que o indivíduo tenha bons resultados no seu desenvolvimento. Sendo assim, a família deve trabalhar junto ao filho autista em parceria com os educadores, focando-se no desenvolvimento adequado da criança.

O AUTISMO E A ESCOLA REGULAR

A proposta de educação inclusiva (Tratado da Guatemala, 1991; Declaração de Salamanca, 1994) declara que todos os alunos devem ter a possibilidade de integrar-se ao ensino regular, mesmo aqueles com deficiências sensoriais, mentais, cognitivas ou que apresentem transtornos severos de comportamento, preferencialmente sem defasagem idade-série. A escola, segundo essa proposta, deverá adaptar-se para atender às necessidades destes alunos inseridos em classes regulares. Portanto, a educação inclusiva deverá ser posta em prática numa escola inclusiva que busque ações que favoreçam a integração e a opção por práticas heterogêneas. Em 1996 foi publicada a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, que em seu artigo (59) preconiza que os sistemas de ensino devem assegurar aos alunos currículo, métodos, recursos e organização específicos para atender às suas necessidades. Em 2008, foi publicada a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, que preconiza o acesso, a participação e a aprendizagem dos alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades, nas escolas regulares (BRASIL, 2008).

O autismo é uma condição que acompanha toda a vida e a educação é um pré-requisito para que a pessoa com autismo adquira competências para levar uma vida funcional e autônoma. Porém, para que ocorra um bom desenvolvimento, que permita a interação do sujeito ao seu meio ambiente social, é preciso que se realize

uma intervenção pedagógica que abranja, não apenas as necessidades básicas de convivência, mas que explore os limites do indivíduo a fim de ampliá-los.

Para (ROZEK, 2009) a educação inclusiva é marcada por leis e diretrizes que conduzem os educadores no seu exercício pedagógico a atuarem dentro das limitações características apresentadas pelos diferentes transtornos. Desta forma, o indivíduo com deficiência, passa a ser visto através de seu quadro diagnóstico e não enquanto indivíduo.

Para que a mediação educativa aconteça é preciso que o educador conheça os aspectos do transtorno, assim como os métodos e programas desenvolvidos para auxiliá-lo na educação da criança autista. O professor deve conhecer também as dinâmicas institucionais estabelecidas para que atue em consonância com elas.

De acordo com Valle e Maia (2010): A inclusão escolar consiste no processo de adequação da sociedade às necessidades de seus participantes, para que eles, uma vez incluídos, possam desenvolver-se e exercer plenamente sua cidadania. O indivíduo com autismo encontra uma série de dificuldades ao ingressar na escola regular. Essas dificuldades passam a fazer parte da rotina dos professores e da escola como todo. Uma maneira de melhorar a adaptação e, conseqüentemente, obter a diminuição dessa contingência trazida pela criança e promover sua aprendizagem, é adaptar o currículo.

De acordo com (VALLE E MAIA, 2010) as adequações curriculares servem para flexibilizar e viabilizar o acesso às diretrizes estabelecidas pelo currículo regular e não possui a intenção de desenvolver uma nova proposta curricular, mas estabelecer um currículo dinâmico, alterável, passível de ampliação, para que atenda realmente a todos os educandos. Isso é facilmente realizado quando há disponibilidade do profissional da sala de recurso na escola, que contribui para que sejam planejadas as ações pedagógicas e o conteúdo que o aluno deve aprender.

A flexibilização do currículo é uma forma de estabelecer o vínculo e cumplicidade entre pais e educadores, para que no espaço escolar, ocorra coesão de vontades entre educadores comuns e de AEE, direção escolar e família, na horizontalização das competências estabelecidas para educação do aluno com autismo. Esta revolução estrutural acontece através do manejo do currículo, frente aos desafios enfrentados com a vinda da criança com autismo à escola regular.

CONCLUSÃO

Observou-se através da análise dos questionários respondidos pelas seis educadoras do AEE, verificou-se alguns aspectos a serem tratados a seguir. A sintonia do professor com a criança, por vezes, está presente na sua atuação, o que possibilita compreendê-la. A manifestação de afeto do educador para a criança permite que ocorra um relacionamento mais humanizado, que volta sua atuação para o desenvolvimento social da criança. Percebe-se que o educador possui o conhecimento teórico sobre o transtorno e os déficits decorrentes de sua sintomatologia. Contudo, a práxis é revestida por uma distonia entre a teoria que ele possui da prática que ele pode desenvolver. Isto acontece devido às condições institucionais que tangem sua atuação, que o restringe a uma cadência regida pelo senso comum, generalização do embasamento teórico que possui, e pela mistura de técnicas interventivas. Sobre este aspecto, comenta Ramos (2011), que culturalmente sempre houve um conflito entre a ciência e a cultura para determinar o que é normal e diferente; conseqüentemente o que é aceitável no diferente e a forma de tratá-lo. O movimento de inclusão escolar de crianças com necessidades especiais gerou uma demanda por profissionais capacitados para o atendimento pedagógico regular e no AEE. Apesar do regime de leis e diretrizes que pretende ajudar o educador a atuar com estes alunos de forma satisfatória, ocorre a defasagem na própria formação que resvala na atuação profissional.

REFERÊNCIAS

BORGES, R. M. R.; BASSO, N. R. S; FILHO, J. B. R. Proposta interativa na educação científica e tecnológica. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

BOSSA C. A. As Relações entre Autismo, Comportamento Social e Função Executiva. Psicologia: Reflexão e Crítica, 2001.

BRASIL. Diretrizes Operacionais do Atendimento Educacional Especializado na Educação Básica, modalidade Educação Especial. Brasília, 2009.

CLASSIFICAÇÃO DE TRANSTORNOS MENTAIS E DE COMPORTAMENTO DA CID-10; Descrições clínicas e diretrizes diagnósticas. Porto Alegre: Artes Médicas. 1993.

CUNHA, E. Autismo e inclusão: psicopedagogia e práticas educativas na escola e na família. 4 ed. Rio de Janeiro: Wak, 2012.

FARRELL, M. Dificuldades de relacionamento pessoal, social e emocional. Porto Alegre: Artmed, 2008.

FONSECA, V. Aprender a aprender: a educabilidade cognitiva. ARTMED, 1998.

GOMES, Martha Luciene Rocha Gomes, O vazio como processo criativo do docente, CORPO, 2007-UEP

GUERRA, I. C. Pesquisa qualitativa e análise de conteúdo: sentidos e forma de uso. Príncipai Editora: Estoril, 2006.

MELLO, A. M. S. Autismo: guia prático. São Paulo: AMA; Brasília: Corde, 2007.

MOREIRA, P. S. T. Autismo: a difícil arte de educar. Universidade Luterana do Brasil – Ulbra – Campus Guaíba – RS, 2005.

VALLE, T. G. M.; MAIA, A. C. B. Aprendizagem e comportamento humano. São Paulo: Cultura acadêmica, 2010.